

NOS@EUROPE

O Desafio da Recuperação Económica e Financeira

Prova de Texto

<Os Inovadores>

<Escola Profissional Atlântico>

<Hugo Costa>

<Ana Simões>

<José Gonçalves>

<Luís Martins>

Dezembro de 2011

1 A história da crise contada aos jovens e relembrada aos adultos

De olhar cabisbaixa e pensativa, Ritinha entrou no seu quarto de dormir recordando a conversa dos seus pais que lhe disseram que, neste Natal, ela e o irmão iriam ter menos prendas, tudo por causa da crise.

Ritinha não percebia lá muito disso da crise, mas entendia que era uma coisa má que estava a deixar as pessoas infelizes e ela e o irmão com menos prendas neste Natal. Deitou-se na cama, estava exausta, ligou a televisão do quarto e lá estavam outra vez a falar da crise e da possibilidade do fim do Euro. Entristeceu-se, pois Ritinha não conhecia outra moeda, ela que tem a mesma idade do Euro. Fechou os olhos e adormeceu.

Acordou com o som da televisão onde um senhor falava sobre a Europa, a voz e a imagem pareciam-lhe tão reais que por momentos julgou estar a assistir a um programa em 3D. Este senhor, de aspecto distinto, continuava a falar sobre a Europa unida e solidária que tinha fundado, após a Segunda Guerra Mundial, com o objectivo de trazer paz e prosperidade. Ritinha lembrou-se da conversa dos pais e exclamou:

– Onde está essa prosperidade quando só se fala de crise?

Inesperadamente, o senhor respondeu: Ritinha, a Europa é um Continente, que, na sua história secular, já passou por períodos de expansão e recessão, e esta crise deve ser encarada não como um fatalismo mas como uma oportunidade para o renascer de uma Europa mais unida e fortalecida.

Ritinha, atónita, balbuciou: - Quem és tu? – Eu sou Robert Schuman, o Pai da Europa, ajudei a idealizar e a criar esta Europa Integrada através de uma Declaração de Princípios, a Declaração Schuman.

- Foste tu que criaste a União Europeia? Perguntou Ritinha, já mais calma e familiarizada com a voz do Sr. Schuman.

- A Europa como uma União Económica e Monetária, ou Zona Euro, não fez parte do meu projecto, mas eu idealizei-a. Contudo, chamam-me Pai da Europa, porque eu criei a C.E.C.A., em 1951, e a C.E.E., em 1957, instituições que com a evolução, aprofundamento e integração de vários Estados Europeus, deram origem à

actual União Europeia e à Zona Euro.

- E então, Sr. Schumam, por que está a Europa em crise?

- Ritinha, a crise é conjuntural e passará se adoptadas as medidas certas. A crise deve ser entendida como uma época de mudança. É na crise que surgem as grandes inovações e as grandes oportunidades.

- Como é isso possível se as pessoas estão infelizes e desmotivadas? Desabafou Ritinha. E continuou: - Sabes, Pai da Europa, eu gostava de entender melhor a crise, queria que alguém me contasse para que eu percebesse e pudesse explicar às minhas amigas e recordar aos adultos que podemos vencê-la, como já o fizemos noutros tempos, se usarmos as estratégias certas!

- Exacto, Ritinha, a crise que vivemos actualmente na Europa é o resultado do que aconteceu no ano de 2008 nos E.U.A., com a crise do *subprime*, que foi uma crise financeira que começou nos bancos americanos e rapidamente alastrou-se pela Europa.

- E como é que isso aconteceu?

- Aconteceu porque o sector imobiliário, fortemente financiado pelos bancos, criou uma “Bolha Especulativa” em que uma maior procura, associada à fácil concessão de crédito com taxas de juro baixas, levou a um aumento do preço dos imóveis. As famílias incentivadas por taxas de juros baixas e hábitos de consumismo, endividaram-se na compra da casa, do carro, e de muitos bens pessoais, a crédito. Este endividamento era superior às suas capacidades de esforço para pagar e isso sentiu-se quando os juros subiram, tornando as prestações da dívida cada vez mais caras e impossíveis de pagar, levando ao incumprimento de muitas famílias. A “bolha especulativa” cresceu demais e estourou e com ela alguns bancos também. Devido à internacionalização do capital destes bancos americanos, esta crise financeira alastrou-se a todo o mundo e, evidentemente, à Europa também. A nível europeu, esta crise veio afectar, sobretudo, as economias frágeis dos países da Zona Euro que faziam esforços de consolidação das suas finanças públicas, no que concerne, a alguns dos critérios de convergência, nomeadamente, o défice orçamental e a dívida pública, que não deviam ultrapassar os 3% e 60% do PIB, respectivamente. Um contínuo investimento público, associado a um baixo crescimento económico, fez disparar os défices orçamentais e a necessidade de mais financiamento para fazer

face a este fraco crescimento, levando ao aumento das dívidas soberanas dos Estados, e ao maior endividamento público. Isto significa que os países não souberam gerir a crise de 2008, da melhor maneira, e que deveriam ter tomado as medidas de disciplina que estão a aplicar agora.

Muito curiosa, Ritinha queria perceber melhor o que se passava agora: - Mas Sr. Schuman não deveria também a União Europeia ser mais solidária, entre os países da Zona Euro?

- Pois devia, eu não reconheço esta Europa que não é capaz de tomar decisões solidárias, de forma a representar o interesse de todos e não apenas das partes.

- E agora, Sr. Schuman, qual será a solução para a Europa e para Portugal?

- Não existem soluções mágicas, apenas a necessidade de a Europa ser solidária como foi no passado, criar uma disciplina no presente para que possamos atingir uma boa governação e entendimento entre os Estados-membros, é importante que todos os estados estabeleçam interesses comuns, que se crie um verdadeiro espírito europeu, pois é mais fácil ultrapassar a crise numa verdadeira união.

Ritinha lembrou-se das conversas dos pais e questionou: - Deve a Europa partir para os “Estados Unidos da Europa”, num sistema político e económico federalista como os E.U.A., Sr. Schuman?

- Eu cheguei a idealizar esse federalismo europeu, e tudo seria mais fácil e a Europa teria outra força para vencer a crise se ele existisse, mas reconheço que os nacionalismos dos Estados-membros tornam essa hipótese muito difícil de concretizar.

- E Portugal o que deve fazer?

- Portugal, como todos os Estados-membros, sobretudo os países da zona Euro devem ajustar as suas políticas económicas e sociais, e terem uma disciplina, que leve à convergência das economias. A economia portuguesa precisa reestruturar-se, e claro, procurar novas soluções e oportunidades. Esta crise é motivo para Portugal fazer as mudanças estruturais que já deveria ter feito, para que a economia portuguesa seja sustentável, e a tua geração, Ritinha, tenha a mesma ou melhor qualidade de vida que os teus pais.

- E a Região Autónoma da Madeira?

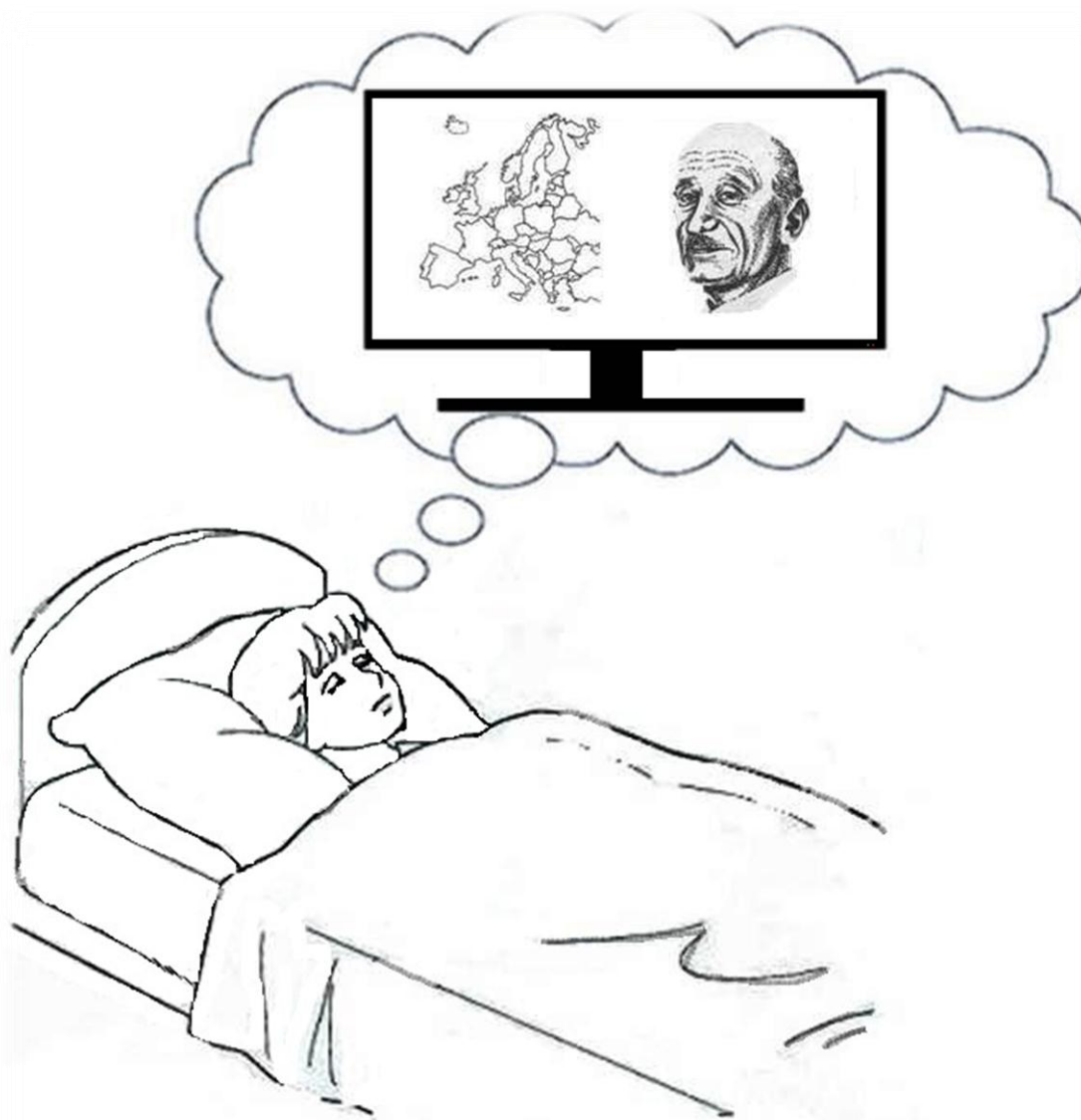
- Sabe, Ritinha, a crise veio afectar o enorme desenvolvimento que a região tem vindo a ter, fruto de participações comunitárias que permitiu a criação de infra-estruturas dando mais qualidade de vida aos habitantes. Contudo, como não há bela sem senão este investimento público levou a um acréscimo da dívida pública da Madeira e à necessidade de, nos tempos actuais, procedermos também a um plano de contenção de despesas.

- Quer dizer que tenho que aceitar receber menos presentes este ano para quem sabe nos próximos anos voltar a ter os mesmos ou até mais?

- Vendo a crise por essa perspectiva, podemos dizer que sim.

Ritinha despertou, do sonho, e agora, pode contar aos amigos este estado de crise em que todos vivemos.

FIM



2 Referências

Bibliografia

Mateus Abel, Economia Portuguesa, 1910/1996, Verbo Editora

Pereira Álvaro, Os mitos da Economia Portuguesa, Outubro de 2007, Guerra & Paz Editora

Web grafia

<http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/>

http://ec.europa.eu/index_pt.htm

3 Declaração de compromisso de honra

Os membros da equipa <Os Inovadores> declaram que este é um trabalho original e inédito, desenvolvido por eles com o fim de participarem na Prova de Texto do Concurso NOS@EUROPE.